

Althusser e Barthes: vértices epistemológicos

RESUMO

O início do século XXI é grifado pela obsessividade da produção discursiva, tão intrínseca à pronúncia da mídia. Não falta o discurso da hora e para qualquer hora. Tal traço se inscreve na rubrica de complexidade das formações sociais. Althusser e Barthes alinhavaram projetos teóricos, que costuram a tessitura do lingüístico e do translingüístico. Eles revelam, nos bastidores de suas diferenças, convergências. São os seus vértices epistemológicos, pertinentes à análise de discurso, que moverão os passos do presente ensaio.

ABSTRACT

This article examines some common epistemologic points of reference observed by the authors in texts of both Althusser and Barthes.

PALAVRAS-CHAVE (KEY-WORDS)

- Althusser
- Barthes
- Mídia (Media)

Roberto José Ramos¹
Letícia Coronel Jardim²

1.1 Projeto barthesiano

Barthes (1994) categoriza o discurso, com a reivindicação do resgate etimológico. Ele anota, com zelo, “discurso é, originalmente, a ação de correr para todo o lado, são idas e vindas, ‘démarches’, intrigas”.

A anotação contempla o movimento em sua peregrinação histórica, através da combinação dos signos. É a relação da imutabilidade do código com as mutações da fala, tecida, ludicamente, tal qual o jogo de dominó.

A categorização barthesiana carrega duas articulações. Estabelece o sentido lingüístico da discursividade na concretude dos signos, mas vai além. Abraça o translingüístico em sua dimensão sócio-histórica. O discurso é um jogo dialético do signo.

A discursividade está conectada com o poder. Barthes (s.d.:10-12) o caracteriza como “a libido ‘dominandi’.” Está relacionado com a história inteira do homem e não somente com a história política, histórica. É um “parasita do organismo transsocial”, que se pronuncia na expressão obrigatória da linguagem: “a língua”.

O semiólogo propõe um elo interdisciplinar com a psicanálise, criada por Freud em 1895. Sintoniza o poder com a categoria libido, em seu desenho biológico, em suas diferentes fases, constituintes do inconsciente.

A libido tem recebido plurais interpretações. Alguns a simplificam, tornando-a um mero e reducionista sinônimo de prazer sexual. Outros conseguem descortiná-la, com mais horizonte, como energia prazerosa em suas multifacetadas versões.

O poder, como libido dominante, é a energia prazerosa, própria de Eros, que

concede sentido ao viver humano. Possui várias manifestações, uma das quais é a sexualidade. O seu perfil biológico, de face inata, fixa toda a sua condição de atemporalidade.

Ainda que invariante, a libido se particulariza em diversas fases. Passa pela oral, anal e fálica, especificadas, etariamente, na primeira infância. Tal qual ocorre, em seu sincretismo, como poder, que é imutável no curso histórico, porém se singulariza em cada conjuntura histórica.

Barthes recicla a noção weberiana de poder como dominação. O homem é indissociável da energia prazerosa, que lhe impõe, dialeticamente, a simbiose liberdade/submissão. Eis a concepção althusseriana de sujeito, presente no intertexto.

Além de sua realização biológica, o poder é, também, uma realidade cultural. Está instalado na linguagem nos escaninhos da língua, como instituição social, que se reproduz transsocialmente.

Verifica-se que o poder é concebido no tempo e no espaço, considerando a sua supratemporalidade e a sua supra-espacialidade. É o invariante da história, que se reproduz nas variações, manifestas em cada conjuntura histórica.

No horizonte barthesiano, o mito é uma forma de fala, que explora a conotação. Não nega a factualidade histórica, apenas a torna ingênua. A sua função é a naturalização e a eternização da sociedade burguesa.

O sistema de significação — significante, significado e signo — se redesenha na produção mítica. Ao transcender o perímetro denotação, engendrando a conotação — o sentido —, torna-se significante desta.

A obra *Mitologias* é angulada pela crítica ideológica. O seu intertexto comporta as presenças de Hjelmslev, pela conotação, de Durkheim, pelo mito, como representação coletiva, e de Marx, pela ideologia, em seu sentido napoleônico, como distorção.

Tal ecumenismo teórico não é uma fisionomia do despropósito, como possa conceber o embriagado pela aguardente das aparências. Hjelmslev, Durkheim e Marx estão alinhavados pelos laços sazonais da interdisciplinaridade do estudo do mito.

No curso das páginas de *Mitologias*, há a construção de uma ambivalência. Ocorre a sobreposição das categorias mito e ideologia. Ambas são gêmeas. Respiram o oxigênio da conotação e encenam a legitimação da sociedade burguesa.

A própria configuração do mito corresponde à ideologização. Contempla o lingüístico e o translingüístico, estabelecendo a deformação de sentido. Transpira, aí, o conceito particular de ideologia, resgatado em Marx.

Assim, mito e ideologia são sinônimos, ainda que Barthes não o explicita, com rigor. A nomeação mito possui a preferência, porque foi priorizada pelo semiólogo, inclusive, na titulação de sua obra.

Barthes busca uma dimensão translingüística. É o seu passaporte, para dar conta da fala, sincretizada como textos do imaginário, o objeto de sua semiologia. Recorre à sociologia, fomentando a sua angulação interdisciplinar.

Em *Mitologias*, a interdisciplinaridade de aparece submersa na intertextualidade. Quase duas décadas mais tarde, ela emerge em *Escritores, Intelectuais e Professores e outros Ensaio*s. Todavia, ainda, se ressentia de elos convergentes, que possam unir, nas suas distâncias epistemológicas, Durkheim e Marx.

Também com *Escritores, Intelectuais e Professores e outros Ensaio*s, Barthes procura revisar a sua teoria. Assinala a mudança de objeto. O mito não é mais uma questão lingüística. Convertem-se em uma questão translingüística. Foi incorporado pela prática, como mítico.

Tal postura é elogiável em seu horizonte de auto-reflexão teórica, porém oca de realização. O semiólogo anseia por

uma teoria de ideologia, modulada pela sintonia translingüística apenas, que não pode ser rompida da lingüística.

Barthes, ao valorizar a materialidade da prática, anotada, sociologicamente, quer desembarcar de sua concepção de Mito, tecida em Mitologias. A sua tentativa de revisão acaba se tornando uma ratificação.

Se o objeto mudou, não há mais mito, fraseológico, porém o mítico, encravado nas práticas. Estas só existem como eventos de linguagem, quanto mais velam, mais conotam. Necessitam, com muito mais urgência, de uma leitura semiológica, com lentes interdisciplinares, feitas por Barthes. O objeto mudou, mas o mito, orquestrado em Mitologias, permaneceu, ainda que seu criador tenha descartado o auto-reconhecimento.

A conjuntura teórica barthesiana está mergulhada na relação dialética entre imaginário e prática. Só que ela já foi instaurada como Teoria da Ideologia em Geral, empreendida por Althusser, em 1969, no ensaio *Aparelhos Ideológicos de Estado*.

Observa-se, portanto, a evolução do questionamento sobre o mito. As mudanças históricas o dissimularam, mas mais o validaram, tal qual se notabilizou em Mitologias. Se Althusser foi além, materializando a dialética da ideologia, ficou aquém na questão lingüística, tão, engenhosamente, formulada por Barthes. Ambos se complementam neste particular.

De outro lado, a expressão francesa *Fait Divers* designa a informação sensacionalista. Barthes (1971:263) a caracteriza pela sua monstruosidade, sendo “análoga a todos os fatos excepcionais ou insignificantes, em resumo anônimos”. Através da angulação estrutural, o semiólogo o classifica em dois tipos básicos: causalidade e coincidência. Ambos, em suas respectivas subdivisões, formalizam a noção de conflito, fixada em sua notificação presenteísta, que interpela pela exploração de emocionalidade.

O *Fait Divers* de causalidade apresenta duas manifestações:

a) Causa perturbada – há o desconhecimento ou a imprecisão causal, ou, ainda, quando uma pequena causa provoca um grande efeito,

b) Causa esperada – quando a causa é normal, a ênfase recai nos personagens dramáticos – mãe, criança e idoso (Barthes, 1971).

O segundo tipo, *Fait Divers* de coincidência, possui, também, duas manifestações:

a) Repetição – a informação, repetida, instaura a onipresença da factualidade em circunstâncias diferentes;

b) Antítese – duas perspectivas diferentes, antagônicas, são fundidas como se fossem uma única realidade. Uma de suas expressões é o cúmulo (a má sorte), figura da tragédia grega (Barthes, 1971).

A monstruosidade, como anotação da noção de conflito, é decupada pelo presenteísmo, dimensionado pela emocionalidade. Inscreve-se, como conjuntura sintagmática, que descarta, em seu consumo imediato, a razão, na ilogicidade da causalidade e da coincidência. Explica-se, historicamente, pela a-historidade da fatalidade.

O *Fait Divers*, em suas diferentes manifestações, está presente na literatura, no cinema e na mídia. Nesta, em particular, aparece na abordagem da realidade e da ficção na pluralidade de espaços da imprensa, do rádio e da televisão.

É possível, ainda que Barthes não tenha feito, realizar a articulação do *Fait Divers*, com o poder e o mito. Localizá-la na instância de um sistema de significação, preservando os limites teóricos e as fronteiras interdisciplinares da produção barthesiana.

O *Fait Divers*, em seus tipos e subtipos, é um significante. Produz, como

significado, a noção de conflito, explicada pela Fatalidade, constituindo o signo denotado. Eis o sistema de significação primeiro.

O poder (libido dominante) é, também, denotado, através da fatalidade. Ela liberta o sujeito histórico de seus conflitos, irresponsabilizando-o historicamente. Aborda-o, narcisicamente, como pai-supremo, explicação absoluta para o inexplicável.

O sistema de significação, primeiro, além da denotação, estabelece a conotação, tornando-se significante desta. A fatalidade é conotada, como um enfoque acrítico da realidade. Submete o sujeito histórico à hegemonia do instituído, dado como natural e eterno. Eis o mito, forjado pelo sistema de significação, segundo, conotado.

Verificou-se, portanto, a teorização sobre o *Fait Divers*, estruturada pela sua categorização em tipos e subtipos. Mesmo que Barthes não a tenha empreendido, houve a viabilidade de relacionar o *Fait Divers*, com o poder e o mito no perímetro semiológico.

1.2 Projeto althusseriano

Althusser (1985) concebe a Teoria da Ideologia em Geral, sublinhando as questões da produção da subjetividade. Ele relaciona, em uma perspectiva interdisciplinar, o marxismo com a psicanálise, pelo viés estruturalista. Procura abranger a dialética entre o social e o sujeito.

A ideologia possui uma história própria, anota Althusser (1985). Ela é determinada pela luta de classes. Significa uma realidade não-histórica, com estrutura e funcionamento, eterna, tal qual o inconsciente, proposto por Freud.

O paralelismo entre a ideologia e o inconsciente é indicial. Revela a relação interdisciplinar entre o marxismo e a psicanálise, através de uma postura estruturalista. O filósofo (1984: 71) oferece

outras pormenorizações:

(...) Freud nos revela, por sua vez, que o sujeito real, o indivíduo, em sua essência singular, não tem a figura de um ego, centrado no seu “eu” (“moi”), na “consciência” ou na existência — quer esta seja a existência do para-si, do corpo próprio, ou do “comportamento” —, que o sujeito humano é descentrado, constituído por uma estrutura, que, também, tem um “centro” apenas no desconhecimento imaginário do “eu”, ou seja, nas formações ideológicas em que ele se “reconhece”. Desse modo, ter-se-á notado, está aberta para nós, sem dúvida, uma das vias, pelas quais chegaremos, talvez um dia, a uma melhor compreensão dessa estrutura do desconhecimento, que interessa, em primeiro lugar, à qualquer pesquisa sobre ideologia.

Sobre o inconsciente, há uma metalinguagem: “Estrutura do Desconhecimento”. É o “centro” da descentralização psíquica do sujeito, a sua voz de comando, que no silêncio, não cessa de se pronunciar, preescrevendo a caminhada do existir. O seu reconhecimento ocorre na ideologia. Ambas são inseparáveis. Possuem estrutura, funcionamento e a eternidade.

O conhecido se transformou em desconhecido, através do recalque. Só que este material, estruturado como linguagem, exilado da consciência, não fenece. É um morto-vivo, onipresente e onisciente, o “centro” da realidade psíquica. Configura o simbólico, ou seja, o significante da existência: o inconsciente.

A ideologia é o reconhecimento deste desconhecido — o inconsciente. Se este se institui como simbólico — o significante —, ela se institui como imaginário — os significados —, que o reconhecem. É ilusória, enquanto significação, porém faz alusão ao significante.

Marx concebe a ideologia, como falsa consciência, desprovida de história. Althusser concorda em parte. Ele sustenta que, mesmo ilusória, ela refere a realidade histórica. Basta interpretá-la, porque as ilusões fazem alusões.

O encontro interdisciplinar entre o marxismo e a psicanálise é autorizado pelo materialismo e pela dialética. Num mundo sufocado pelo idealismo e pelo mecanismo, Marx e Freud foram materialistas. A tese mínima que os define é a existência da realidade fora da consciência, grifa Althusser (1984:77):

(...) Freud é, desde o início, materialista, já que nega a primazia da consciência (...) quanto à dialética, Freud nos deu surpreendentes figuras dialéticas, que nunca considerou leis (essa criticável modalidade de uma tradição marxista): por exemplo, as categorias de transferência, condensação, superdeterminação, etc... e, também, esta tese-limite de que o inconsciente não conhece a contradição, e que essa ausência de contradição é a condição de toda a contradição.

Desenvolve-se uma articulação entre Marx e Freud, através do materialismo e da dialética. Há um outro elo entre ambos: o estruturalismo, que Althusser exila de suas teses. Por intermédio deste, ele retornava a Marx, para lhe resgatar a cientificidade e Lacan fazia o mesmo em relação a Freud.

No abrigo de tal contexto, Althusser (1985) tece uma Teoria da Ideologia em Geral, ancorada em duas teses. Elas sustentam, em síntese, que a ideologia é a relação imaginária com as condições reais da existência, que se materializa em práticas.

Na intertextualidade do filósofo, encontra-se a presença de Lacan, sincretizada pela categoria imaginário — as ilusões na captação do ego. Althusser (1985:64) reconhece a essencialidade

da obra lacaniana, que dimensionou a importância da linguagem:

(...) Está, aí, sem dúvida, a parte mais original da obra de Lacan: a sua descoberta. Essa passagem da existência (no puro limite) biológica à existência humana (filho do homem). Lacan mostrou que ela se operava sob a Lei da Ordem, que eu chamarei Lei da Cultura, e que essa Lei da Ordem se confundia, em sua essência formal, com a ordem da linguagem (...) sob a lei da linguagem, em que se fixa e se dá toda a ordem humana, portanto, todo o papel humano...

Na realização ideológica, quatro categorias são básicas. Estabelecem a relação imaginário-práticas, referida por Althusser. São elas: a Interpelação, o reconhecimento, a sujeição e os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE).

A sujeição se caracteriza pela dialética, que a permeia. Possui duas significações antagônicas. Representa o ser livre, um centro de iniciativas, mas, também, um ser submetido, a reboque de um senhorio, vassalo do feudo da ordem cultural.

Em toda a ideologia, há um centro único. É o sujeito absoluto, um espelho imaginário, uma abstração do real, em sua dimensão metafísica. Interpela os indivíduos, como sujeitos livres, que, nele, devem se reconhecer e, a ele, se submeter.

A interpelação apresenta uma pronúncia, inerente ao universo léxico jurídico-policia. É o intimar alguém para responder alguma coisa. Estipula a relação do eu com o outro, ambos amarrados pelo nó dialético da sujeição.

As questões da sujeição e da interpelação, no texto althusseriano, têm as marcas das influências de Spinoza. Ele realizou a primeira leitura crítica da Bíblia. Combateu à ideologia religiosa, ainda que não tenha usado essa expressão, com explicitude.

O reconhecimento, como categoria, carrega, em sua essência, o aspecto da identificação. Encontra-se imerso pela abordagem psicanalítica. Evidencia a identificação projetiva, mecanismo que instaura o narcisismo primário.

Há, particularmente, afinidade com a obra lacaniana. Possui relação com as categorias metáfora, como condensação, e o estádio do espelho, a relação simbiótica imaginária entre mãe e filho(a), instalada após o sexto mês do nascimento.

Por fim, os AIE, que são instituições plurais, distintas, que, em suas singularidades e contradições, reproduzem a ideologia dominante. Localizam-se no âmbito público e privado, já que tal distinção é somente um artifício, empreendido pelo direito burguês.

Althusser (1985:68) relaciona oito AIE. São eles: AIE Religioso (o sistema das diferentes igrejas); o AIE Escolar (o sistema das diferentes escolas públicas e privadas); o AIE Político (o sistema político, os diferentes partidos); o AIE Cultural (Letras, Belas Artes, Esportes); o AIE de Informação (a Imprensa, o Rádio e a Televisão); o AIE Familiar, o AIE Sindical e o AIE Jurídico.

Os AIE político e o sindical carecem, sobretudo, num primeiro momento, de mais aprofundamento. Faltam diferenciações, se é que existem, entre partidos conservadores e operários e entre sindicatos patronais e de trabalhadores.

O filósofo (1985) adverte que os partidos operários integram o AIE político, quando os seus dirigentes se deixam intimidar ou são cooptados monetariamente. O mesmo vale, por analogia, para os sindicatos de trabalhadores em relação ao AIE sindical.

Os AIE competem entre si. São empresas, independentemente, se públicas ou privadas, que disputam mercados sob o ponto de vista político e econômico. Todavia, cada uma, a seu modo, está submetida à reprodução ideológica, que não é mecânica. É fruto da luta de classes.

A concepção dos AIE foi inspirada em

Maquiavel. Althusser (1992:214) reconhece essa influência. Admite que, sem sufrágio universal, na época, o Aparelho Ideológico de Estado era constituído “pela imagem público-popular do personagem do Príncipe”.

Portanto, Althusser sedimenta a sua teorização, sustentando que a ideologia é a relação imaginária, transformada em práticas, reproduzindo as relações de produção vigentes. Desenvolve, para tanto, as categorias de sujeição, interpelação, reconhecimento e AIE, influenciadas, sobretudo, por Marx, Freud, Lacan, Spinoza e Maquiavel.

A relação entre o marxismo, a psicanálise e o Estruturalismo é decisiva. Permeia, interdisciplinarmente, a produção teórica althusseriana. Desconsiderá-la é cegar-se para a profundidade da abordagem, que, dialeticamente, fixa as relações entre o social e a subjetividade.

A categoria superdeterminação, proposta pela psicanálise, é mobilizada, para discernir as dialéticas hegeliana e marxista. A primeira tem uma antítese simples, provocando uma síntese metafísica; a segunda, uma antítese, superdeterminada, provocando uma síntese materialista.

Althusser compatibiliza, ainda, a dialética marxista com o estruturalismo. Há, nas mudanças, uma estrutura imutável. É o invariante, de caráter supra-espacial e supratemporal. Assim, ele estabelece a Dialética Histórico-Estrutural — DHE.

A Teoria da Ideologia em Geral redimensiona o sentido marxista da superestrutura. Desamarra o nó cego de uma ortodoxia, cabrestada por uma infraestrutura, sacralizada como uma nova divindade, ungida pelos mais marxistas do que Marx.

A tessitura teórica de Althusser possui uma marca indelével no seu texto e no seu intertexto. É a influência da Psicanálise, saída das leituras de Freud e de Lacan, determinante de sua concepção ideológica, de sua distinção entre as dialéticas

hegeliana e marxista e da sua formulação de DHE. Quem não a ver, enxergará apenas reducionismo e, tal como Édipo, tentará matar Althusser...

Os projetos teóricos e metodológicos de Althusser e de Barthes, em suas especificidades, possuem vértices incomuns e complementares. Dialogam pelos princípios do estruturalismo e da dialética. Articulam, em seus elos interdisciplinares, o marxismo e a psicanálise.

Barthes teve a sua produção enraizada na lingüística. O seu berço foi o estruturalismo funcionalista, de Saussure. Foi além. Alcançou o translingüístico, concebendo categorias, como poder e mito, notáveis por suas densidades interdisciplinares.

Ele chegou a tentar revisar a sua concepção de mito. Buscava completar a sua incompletude: o sócio-histórico. Desejava ampliar o seu horizonte translingüístico, refletindo sobre a prática já refletida e teorizada por Althusser. Eis outro elo entre ambos.

Com os seus passos, marcados pelo marxismo, Althusser redimensionou-se. Compatibilizou-o com a psicanálise. Articulou-os com o estruturalismo. Fixou a filosofia, como reflexão política. Não alcançou o lingüístico, a não ser em fragmentos esparsos.

Por caminhos desiguais, Barthes e Althusser convergem e se complementam. As categorias, do semiólogo, *Fait Divers*, poder e mito articulam-se, em nível de respectiva correspondência com as do filósofo, interpelação, reconhecimento e sujeição. Tais encaixes dispõem, ainda, da categoria *Aparelhos Ideológicos de Estado*, de Althusser. Esta enseja respostas às questões contextuais, que permeiam o evento da discursividade, essenciais para a compreensão da pronúncia da mídia .

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Freud e Lacan – Marx e Freud*. Rio de

Janeiro: Graal, 1984.

_____. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 2.ed., Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *O Futuro Dura Muito Tempo*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1992.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um Discurso Amoroso*. 13.ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

_____. *Aula*. São Paulo: Cultrix, s.d..

_____. *Mitologias*. 9.ed.. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

_____. *Escritores, Intelectuais, Professores e Outros Ensaio*. Lisboa: Presença, s.d.

_____. *Elementos de Semiologia*. 10a. ed., Rio de Janeiro: Cultrix, 1997.

_____. *Sistema da Moda*. São Paulo: Nacional e USP, 1979.

_____. *Ensaio Crítico*. Lisboa: Edições 70, 1971.

Notas

- 1 Doutor em Educação, pela PUCRS e professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS.
- 2 Bolsista do projeto “Comunicação, Discurso e Ideologia: A Construção da Subjetividade.”